

Apresentação

Nas páginas finais de *Mimesis*, depois de percorrer três milênios de literatura sob a aparência de uma arquitetura soberanamente deliberada, Erich Auerbach confessa que muitos dos seus textos lhe chegaram por encontros fortuitos e preferência pessoal, que as ideias diretrizes do livro só ganharam nitidez no caminho e que a escassez da Istambul da guerra, sem periódicos nem edições críticas confiáveis, talvez tenha permitido a própria existência da obra¹. Do acaso e da escassez, o filólogo extrai uma regra cuja severidade equilibra a liberdade crítica: o intérprete pode escolher e acentuar o que quiser, desde que a obra contenha aquilo que ele afirma encontrar. A regra retorna o leitor ao primeiro capítulo e ao pequeno fato de onde tudo partiu — a cicatriz que Euricleia reconhece ao lavar os pés de Ulisses e que o poema ilumina até o pormenor mais remoto; enquanto no *Gênesis* Abraão caminha três dias rumo ao monte sem que uma palavra diga o que lhe vai por dentro. Homero é fiel à *alétheia* dos gregos, a verdade que se diz como desocultação, e faz da literatura uma técnica da luz², já o relato bíblico guarda o essencial num fundo que a frase aponta e se recusa a entregar. Dessa diferença decorre a consequência que se costuma citar menos. O estilo que tudo mostra corteja seu ouvinte, e o estilo que retém o fundo o intima, exige interpretação e obediência, reivindica autoridade sobre o próprio mistério. A literatura moderna fez com essa segunda herança uma coisa estranha, ficou com a técnica e dispensou o fiador. O fundo permanece em cada obra que cala mais do que mostra, só que ninguém mais responde por ele, e é essa vacância que entrega o texto a quem lê.

A confissão parece escrita para quem apresenta um número atemático, no qual a unidade também pertence ao tempo posterior da leitura, quando pesquisas concebidas por caminhos independentes passam a ocupar uma mesma ordem e revelam afinidades nascidas apenas do convívio entre elas. O primeiro número do volume 32 da *Em Tese*, que abre o ciclo de publicações de 2026, reúne treze contribuições assinadas por dezesseis pesquisadores e pesquisadoras de quatorze instituições de todas as regiões do país, a propósito de obras compostas originalmente

¹ AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

² TORRANO, Jaa. “O mundo como função de Musas”. In: HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 7. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

em quatro línguas, e o editor ou editora que escolhe continua obrigado a mostrar no conjunto aquilo que afirma encontrar. Eis o que afirmamos: postos lado a lado, estes trabalhos perguntam o que a forma literária faz com o real que recebe e quanto do recebido decide mostrar. A crítica se põe em movimento sempre diante de uma retenção, diante desta resistência à transparência, seja na cena interrompida, no arquivo parcial, no eu que não coincide com a própria narrativa ou no mundo vegetal que exige outra forma de escuta. Um dos artigos estuda o autor que se retira da própria capa, outro atravessa a província argentina atrás das mortas a quem a prosa devolve a palavra. Essa unanimidade, alcançada sem que os autores se soubessem de acordo, é a melhor prova de que o problema continua vivo, e as páginas seguintes permitem conferi-la texto a texto.

A seção **ESTUDOS LITERÁRIOS** abre com “Um jogo de desvelar e velar: o implícito na poesia de Ana Martins Marques”, em que Pablo Vinícius Nunes Garcia, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), recusa a rubrica de poeta do cotidiano sob a qual Ana Martins Marques costuma ser catalogada e propõe ler suas cenas interrompidas pela lógica da sedução, em que o véu vale mais que o rosto. A Vitória de Samotrácia, evocada na abertura do artigo, dá a essa tese sua forma escultórica, pois a estátua sem cabeça e sem braços fascina justamente pelo que lhe falta, e algo semelhante fazem os poemas de Marques. No poema “Relógio”, um pinguim se deita na areia quente de Ipanema e uma baleia encalhada morre como em uma ópera, cantando, e são essas imagens, arbitrárias e singulares, que medem o dia e a noite no lugar dos ponteiros, são superfícies que se bastam e fascinam porque prometem uma profundidade que nunca chega.

A retenção muda de gravidade em “Ausências que ainda falam: narrar para que não morram novamente”, em que Andréia Lourenço dos Santos, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), acompanha Selva Almada na reconstituição dos assassinatos de Andrea Danne, María Luisa Quevedo e Sarita Mundín, crimes do interior argentino que permanecem impunes desde os anos 1980. A voz sóbria de *Garotas mortas*, que preserva as zonas de incerteza em vez de saturá-las de explicação, devolve espessura e peso a essas vidas e mantém aberto, na página, o processo que os tribunais arquivaram. O mesmo problema, o de escrever com o que sobrou dos mortos, retorna com outros papéis em “O caso do busto de mármore: a imaginação, a guerra e o real em *La Route des Flandres* e *Les Géorgiques*, de Claude Simon”, no qual Lorenzo Barreiro, também da UNICAMP, parte do busto de um general jacobino que assombrava a casa de infância do romancista, imagem matricial dessa obra, para acompanhar a entrada das faturas de joalheiro e das

ordens de campanha do antepassado na ficção, papéis que conservam a aspereza do documento e que levam o ensaio a perguntar, com a imaginação material de Gaston Bachelard, o que a literatura fabrica com aquilo que se herda por escrito.

Duas matérias visíveis entre todas, o corpo e a cidade, sustentam os artigos seguintes. Em “A mulher e o tempo: envelhecimento e liberação em ‘Hell’s Angels’, de Márcia Denser”, Clarice Lima Borges Alves, da Universidade de Brasília (UnB), lê o conto em que Diana, dona do próprio dinheiro e da própria cama, toma por amante o jovem Robi, motoqueiro de dezenove anos, e verifica, com uma lucidez que o desejo adia sem desmentir, que a liberdade conquistada ao longo de uma vida tem seu prazo marcado no corpo. Denser, mostra o artigo, figura uma liberdade que convive com a solidão, e envelhecer, para uma mulher a quem quase tudo obedece, é assistir ao tempo desobedecer primeiro. Em “Modernidade e reinvenção da paisagem nas *Illuminations* de Arthur Rimbaud”, Gabriel Alves Fernandes, da Universidade Federal de Goiás (UFG), reabilita a paisagem (categoria que o estruturalismo aposentara junto com o referente) e revela que as cidades dos poemas em prosa, com seus céus de cristal cinzento e suas pontes que se multiplicam umas nas outras, existem apenas no idioma que as ergue e ainda assim registram o século inteiro, experiência em que sujeito, mundo e linguagem se transformam reciprocamente. A hesitação de Antonio Candido diante dessa poesia, “não tenho certeza se é mesmo assim”, recuperada pelo artigo, talvez seja um elogio.

A figura do autor, morta por decreto em 1968 e desde então mais comentada do que muitos vivos, ocupa os dois artigos seguintes. Em “Notas sobre autoria, morte e recepção em *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy”, Aline Guimarães Couto, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), cruza a autoficção com a estética da recepção para examinar o romance feito da matéria reconhecível da vida da romancista, a começar pela chave da casa de Esmirna que dá título ao livro, e conclui que os vestígios biográficos produzem uma figura autoral instável, personagem entre personagens que apenas o leitor, cotejando vida e invenção, consegue manter de pé. A conclusão se agrava em “Ficção, leitura, utopia: possibilidades de sentido em Ricardo Piglia”, de Gabriel Zupiroli de Almeida, da Universidade de São Paulo (USP), dedicado a *Os diários de Emilio Renzi*, obra em que o argentino passou meio século reescrevendo a própria vida sob o nome de outro. A ficção pigliana, sustenta o artigo, é um modo de ler e ordenar o mundo, praticado nas formas breves e em suas séries, e a utopia, para ele, cabia numa citação de Burroughs que Renzi copia no diário, numa sexta-feira de abril, “Porque eu crio um mundo imaginário — sempre imaginário — em que eu gostaria de viver”.

Escrever e ler pertencem ali ao mesmo regime, o único em que o projeto de Piglia de tornar-se outro poderia se cumprir.

Do autor que vira personagem ao poeta que se esconde no próprio nome, o passo é curto. Aghata Kelma Palacio Gomes, da Universidade Federal do Ceará (UFC), e Nataly Pinho Chaves, do Instituto Federal do Ceará (IFCE), dedicam “De uma poética do resto a uma ética da sobrevivência: uma leitura da obra *poesia alguma*, de José G.” a um livro assinado em minúsculas cujo título inverte, quase um século depois, o *Alguma poesia* da estreia de Drummond, como se a tradição inteira retornasse em um instante. Construído com cacos e traduções interrompidas, o livro reduz a forma soneto (“quase” em branco) a um único verso, “me calo se o silêncio já diz tudo”, e as autoras mostram que sobreviver, nessa poesia, é ofício de quem aprendeu a morar nos restos, os seus e os da tradição. Sobreviver é também o drama do ex-mágico de Murilo Rubião. Em “A danação do sujeito na era da modernidade: uma análise em ‘O ex-mágico da Taberna Minhota’”, Nathália Florido Osorio e Talita Vieira Barros, do Instituto Federal Fluminense (IFF), releem o “mágico de verdade” que perde os prodígios no dia em que se torna funcionário público e mostram, com a Grande Depressão ao fundo, que a burocracia extingue milagres com a mesma eficiência com que a quebra de 1929 extinguiu fortunas; abalo este que a narrativa registra também na forma, quebrando causalidade e linha do tempo como se o próprio conto tivesse perdido a magia da explicação.

Dois artigos estendem essa crise ao sujeito que narra. Em “Ficções e fricções: o eu espelhado e despedaçado de Molloy, de Samuel Beckett”, Maria Eduarda Paixão Alves, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), acompanha os dois narradores espelhados do romance, Molloy e Moran, um já em ruína, outro definhando à vista do leitor, que escrevem para se reconstituir e encontram na própria escrita o obstáculo, pois a ficção, como demonstra o artigo, desnuda o corte entre o relato e a experiência de quem o assina. A ficção organiza as lacunas da autorreflexão e converte a busca de coerência em fricção e despedaçamento. Do eu refratado ao humano que perde seus contornos, “Martim e o estado provisório com os vegetais em *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector”, de Fabrício Lemos da Costa, da Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED-AP), desloca o problema para o encontro com outras formas de vida. Seguimos Martim, que, em fuga por um crime que supõe ter cometido, atravessa um jardim da “era terciária” e suspende na vizinhança das plantas a identidade que o acusava. Com a filosofia vegetal de Emanuele Coccia e o rizoma de Deleuze e Guattari, o artigo lê nesse convívio provisório com o informe uma cena rara de nossa ficção, o homem que

por um tempo se desliga da linguagem verbal e atende ao que o romance chama de silêncio das plantas.

A seção **ENSINO DE LITERATURA** leva o problema à sala de aula. Em “De ‘pele negra’ e cabelo ‘laranja’: como discentes do 6º ano de Pernambuco se autorrepresentam em personagens clássicos da *Eneida*”, José Natal Souto Maior Neto, da Universidade de Pernambuco (UPE), relata sua experiência com discentes de uma escola pública de Carpina - PE convidados a roteirizar o Livro I do poema em versão adaptada. Um clássico se conserva assim, tomando emprestado o rosto de quem o lê.

Na seção **RESENHAS**, Renata Caroline Penzani, da Universidade Federal Fluminense (UFF), lê *Fazer círculos com mãos de ave*, de Ana Estaregui, publicado pela Editora 34, em “Ler poesia com ‘olhos simultâneos’”. A resenha acompanha a construção circular do livro, no qual a forma das palavras participa do movimento daquilo que nomeiam, a poeta desenha a palavra tamanduá atenta ao seu movimento comprimido, e o beija-flor, batendo pálpebras como asas, percebe o mundo voando para trás. Os olhos simultâneos do título designam a atenção capaz de perceber, sob o poema, o poema, e serviriam de divisa a este número inteiro. Encerra a edição o registro das **TESES E DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS EM 2025** no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, cumprindo o papel da revista em divulgar e celebrar as pesquisas realizadas pelos pesquisadores da instituição.

Piglia, lembrado num dos artigos desta edição, escreveu que a literatura é uma forma privada de utopia. Os treze trabalhos deste número desmentem o adjetivo, porque tomam a utopia privada de cada texto, seu fundo guardado, sua fratura ou seu silêncio de origem, e a convertem em argumento público e, no melhor dos sentidos, comum. A edição principia com um jogo de desvelar e velar e termina sob o signo dos olhos simultâneos. O fundo que Auerbach viu na prosa bíblica teve um deus por fiador. Hoje tem leitores por herdeiros, e é para formá-los, em tese e em ato, que esta revista existe.

Desejamos boas leituras!

Comissão Editorial

Cíntia Maciel, Cláudia Rezende, Danilo de Athayde, Floriane Abreu da Silva, Laura Ribeiro Araújo, Vinícius Cassiano Campos Abreu

